A base filosófica da Sociologia cristã[1]

O mundo e tudo o que nele há

O Altíssimo criou o mundo estruturado. Isso é o mesmo que dizer que a realidade está sujeita a uma *Ordem criacional* e que esta realidade só pode se revelar quando essa ordem é obedecida. De um modo simplificado, a Criação está estruturada em duas partes: a *criação inferior* e a *criação superior*. Tudo o mais que existe *debaixo do sol*, ou melhor, o que existe do lado de cá da eternidade, exceto a humanidade, se encaixa na criação inferior. Apenas o ser humano constitui a criação superior [2] do lado de cá da eternidade, e apenas o ser humano é o vínculo, o elo que dá sentido à criação inferior.

Já de início, a sociologia cristã está em antítese absoluta em relação à sociologia clássica, posto que esta sociologia advoga a prevalência daquilo que eles chamam de "Natureza" sobre a raça humana. Com a sociologia clássica se alinham todas as configurações religiosas pagãs existentes, já que estas atribuem à Terra o status de mãe, ou a declaram como matriz primordial da existência humana etc. Para a sociologia cristã, a criação inferior (Natureza) foi feita para os seres humanos e não o inverso. Essa posição decorre de vários elementos lógicos facilmente defensáveis, mas principalmente da sintonia fina que há entre as condições materiais do planeta e a vida humana.

A realidade apresenta-se a nós como uma totalidade, porém é percebida e experienciada por meio de *estruturas modais* (*Aspecto Modal*) que residem no *Coração*. Ou melhor, o *Coração* humano *se projeta para a realidade exterior por meio de estruturas modais*, as quais constituem uma unidade múltipla. Não, não é uma contradição. Ao mesmo tempo que as estruturas modais possuem cada uma a sua *esfera de lei*,[3] sendo assim únicas em sua esfera, elas existem numa relação inquebrantável que permite que as *totalidades individuais* — árvores,

---

[1] Todo o livro está fundamentado na Filosofia Cristã de Herman Dooyeweerd (1894-1977) e o presente capítulo é, em grande parte, uma compilação direta de seus argumentos pertinentes à matéria aqui tratada, a partir da obra *Filosofia cristã e o sentido da história*, publicado no Brasil pela Editora Monergismo.

[2] Há um sentido em que os seres celestiais poderiam ser chamados como *criação superior*, uma vez que, apartado do Criador Triúno, tudo o que há é criado, incluindo esses seres cuja realidade é atestada no Livro da Lei. No entanto, esta designação é aplicada aqui unicamente aos seres humanos por serem eles os únicos declarados como *imagem e semelhança* do Criador. Além disso, a sociologia está restrita ao lado de cá da eternidade e neste caso, o termo só poderia ser aplicado no sentido aqui descrito.

[3] Esfera de Lei: termo técnico da filosofia Cosmonômica que designa a estrutura interna de cada *Aspecto Modal*; pode aparecer grafado com o termo *estrutura de lei*.

casas, estradas, negócios, arte etc. — sejam experienciadas pelo ser humano de uma só vez, sem qualquer distinção analítica. Isso é o mesmo que dizer que cada *Aspecto Modal* contribui para a experiência, sem haver, contudo, a prevalência de qualquer deles sobre os demais no ato experiencial. Noutras palavras, ocorre uma unidade na diversidade, ou ainda, o ato de experienciar o horizonte temporal ocorre numa realidade que é *una e múltipla*, à semelhança do Criador, que é uno e múltiplo, a saber, ele é *uno* e *trino*.

O Criador estruturou a pessoa humana para existir a meio caminho entre a criação inferior e a eternidade. Enquanto membro da criação inferior, o ser humano possui todos os atributos inerentes a ela, tais como suas limitações físicas, suas semelhanças cromossômicas, suas necessidades alimentares etc. Como membro da criação superior, o ser humano possui os atributos decorrentes do ato criacional que o fez *semelhança e imagem do Criador*. Isso é o mesmo que dizer que o ser humano é dotado de *pessoalidade*. Noutras palavras, o ser humano possui um centro indivisível que se expressa na forma verbal "Eu", cujo nome escritural, e na filosofia Cosmonômica é *Coração*, o ponto de onde o ser humano transcende a realidade criada e adentra na eternidade, onde também se encontra com a sua origem, o seu Criador.

A partir do *Coração* o ser humano adentra a *realidade temporal* mediante à estrutura modal, ou seja, mediante os quinze modos no qual o ser humano existe e que também se estendem sobre a criação inferior, dando sentido a ela. Essas estruturas são aqui chamadas de *Aspectos Modais do horizonte de experiência*, ou ainda *modos de experiência*, ou ainda *modos de ser*. Cada aspecto do horizonte experiencial apresenta uma *estrutura modal fundacional* na qual se expressa uma coerência interna (*estrutura de lei*) na relação com todos os demais *Aspectos Modais*. Isso é o mesmo que dizer que cada *Aspecto Modal* possui uma natureza interna e que essa natureza só se revela nessa coerência intermodal.

Os *Aspectos Modais* da nossa experiência – a criação inferior

Apresentamos adiante uma tabulação dos quinze *Aspectos Modais*, minimamente descritos, comparando-os com os itens que deles participam, onde se irá notar a superioridade do ser humano acima referida. Iniciamos pela criação inferior. Essa tabulação de *Aspectos Modais* está mais bem estruturada na própria obra de Herman Dooyeweerd, sendo o presente resumo uma pequena

introdução com o objetivo de tornar compreensivo o uso dos termos da filosofia Cosmonômica no decorrer deste livro.

Aspecto Modal Numérico. A realidade temporal estrutura-se no seu ponto mais elementar pelo número, chamado aqui de *Aspecto Modal numérico*. Tudo o que há no mundo, tudo mesmo, existe numericamente. Do item mais simples ao mais complexo, nenhum pode escapar dessa *Ordem Criacional*. O *Aspecto Modal numérico* é o aspecto da distinção e da quantidade — elementos fundamentais para a compreensão de qualquer outro item da realidade temporal. Isso é o mesmo que dizer que tudo existe numericamente marcado — uma canoa, uma canção, uma nota musical, um sonho, uma cena, uma letra, duas almas, três pessoas etc. Sem o *Aspecto Modal* numérico a realidade é impossível.

Aspecto Modal Espacial. Após a realidade numérica, o nosso *Coração* se dá conta de que a realidade está estruturada pelo *Aspecto Modal espacial*. O Criador triúno confinou a realidade na estrutura trina do tempo/espaço/matéria, e aqui está o *Aspecto Modal espacial* como um dos elos dessa realidade e a atestar essa verdade. Nenhuma *totalidade individual* pode ser percebida sem a noção de *extensão contínua*. Noutras palavras, tudo o que existe, existe no espaço, ocupa espaço, e limita-se pelo espaço. Aqui se percebe a noção de lugar. Mesmo as coisas abstratas — uma informação computacional, por exemplo, existe numericamente e "habita" num lugar — possuem uma extensão e ocupam um espaço.

Aspecto Modal Cinemático. Aqui reside a noção de movimento, inércia e constância. Tudo o que é numérico ocupa espaço e pode estar submetido a movimento, constância e inércia. Mais uma vez, mesmo o pensamento como realidade abstrata, o qual tem a sua função guia a partir do *Aspecto Modal* lógico, está submetido à ideia de pensar e deixar de pensar (inércia), existir continuamente (constância). Mesmo as coisas que se mostram à experiência como sendo fixas, tal como as rochas, se estruturam neste *Aspecto Modal*, posto que a noção de inércia das rochas tem o seu núcleo no *Aspecto Modal* cinemático.

Aspecto Modal Físico. Aqui reside a operação de energia. Note que energia não é número, nem movimento. A energia existe no número e no movimento.

Desde já os aspectos vão revelando a coerência de que falamos acima. Essa coerência é a própria realidade que se mostra inquebrantável. Até o limite destes quatro *Aspectos Modais* estamos lidando, basicamente, com a matéria inorgânica, o mundo das coisas, mas todos os outros itens da Criação deles participam igualmente.

Aspecto Modal Biótico. A partir dos quatro primeiros aspectos surge a vida orgânica. Aqui existe o *Aspecto Modal biótico*, e agora as plantas são incluídas. Toda planta participa dos aspectos anteriores, mas é no *Aspecto Modal* biótico que ela encontra a sua função guia. As plantas estão na fronteira entre a realidade inorgânica e a vida orgânica. São elas os únicos itens da realidade postos pela *Ordem Criacional* capazes de fazer a ponte entre esses dois mundos. As plantas são as únicas *Estruturas De Individualidade* capazes de quebrar a forma mineral dos elementos inorgânicos e prepará-los para o consumo da vida orgânica acima delas na forma de minerais orgânicos.

Aspecto Modal Sensitivo. Em seguida a vida orgânica se amplia e surge o *Aspecto Modal sensitivo*. É neste aspecto que reside a sensibilidade táctil, o sentimento. Os animais são incluídos aqui. A experiência comum atesta a capacidade dos animais superiores em manifestar sentimentos, diferenciar carinho de hostilidade etc. A vida orgânica é acrescida de um aspecto diferenciador do mundo das plantas e das coisas. Aqui também se encerra a criação inferior. Como participante da criação inferior, o ser humano compartilha com ela todos esses aspectos, mas é a humanidade do ser humano que dá sentido a ela. De que maneira? Na condição de ser o único a possuir um *Coração* — um centro religioso que dará significado e sentido à criação inferior, e que se manifesta para além destes *modos de ser* iniciais.

Então vejamos em que isso implica. O Criador, revelado como o Absoluto, determina aquilo que os seres humanos são em relação a Ele — criaturas feitas à sua imagem. Isso é o mesmo que dizer que todo o significado temporal da Criação está completamente atado e concentrado nessa unidade chamada *Humanidade*. Nela, o Criador reflete-se na forma de criatura no *Coração* humano — o centro religioso e raiz espiritual da existência temporal. Essa condição criatural faz da humanidade uma **comunidade espiritual**, ou uma comunidade religiosa

quanto à sua natureza. Por isso ela é governada espiritualmente. Aqui reside uma antítese absoluta com a filosofia de Friedrich W. Nietzsche (1844-1900), o qual negava que houvesse uma unidade capaz de ser encontrada na humanidade.

A criação inferior, no entanto, não possui uma raiz espiritual própria. Os itens todos da criação inferior estão ligados diante do Criador pela representação feita pelo Cabeça da humanidade — no princípio personificada em Adão e, depois da obra da cruz, em Cristo. Noutras palavras, a criação inferior se completa a partir da raiz espiritual humana, de modo que é a humanidade dos seres humanos que dá sentido à criação inferior.

Apenas para não perder a oportunidade, destaca-se aqui o erro materialista e seu ideal humanista de ciência. Os cientistas humanistas acreditaram captar a essência da realidade daquilo que eles chamam de "Natureza" totalmente à parte da humanidade. Para os humanistas a Natureza nada mais é do que uma constelação de partículas estáticas de matéria submetidas a leis mecânicas, sem qualquer vínculo existencial com o ser humano. Eles esqueceram de que as fórmulas matemáticas e lógicas que eles aplicaram para alcançar essa definição não existe na natureza, e sem os *Aspectos Modais* do horizonte da nossa experiência não seria possível articular nada a respeito dela. Ou seja, eles não perceberam que foi o discurso humano que definiu a Natureza dessa forma, não ela mesma.

Retomando a nossa definição, repetimos categoricamente que à luz do discurso do Criador, a criação inferior está sujeita a maldição. Essa declaração do Livro da Lei não faria qualquer sentido se aquilo que os humanistas chamam de Natureza possuísse existência própria. Se assim fosse, nada justificaria que o pecado de Adão afetasse a Criação como um todo. Repetindo para tornar petrificado: a realidade temporal encontra realidade plena somente na humanidade. Aqui reside mais uma divergência profunda da filosofia Cosmonômica para com a filosofia escolástica tomista da igreja de Roma, para quem a natureza encontra realidade em si mesma e está em relação de dependência direta com o Criador. Se assim fosse, qual o sentido das palavras "maldita é a terra por ***tua causa***" encontrada no Livro do Discurso do Criador? É a relação da criação inferior com os seres humanos que dá sentido a ela e é nessa relação que todos os *Aspectos Modais* são abrangidos e não somente esses seis aspectos onde ela está circunscrita.

Os *Aspectos Modais* da nossa experiência – a criação superior

Chamamos criação superior os seres humanos. Não confundir o termo criação superior com animais superiores. Há razões dadas pela estrutura de lei do *Aspecto Modal biótico* que confirmam a classificação de certos animais como *superiores*, incluindo nessa classificação os seres humanos. A sociologia cristã não tem problemas com essa classificação, uma vez que em certo sentido os seres humanos são também animais. Essa posição é atestada pelo apóstolo Tiago na sua carta universal, capítulo 3 e verso 15, quando se refere à inveja, amargura e sentimento de rivalidade como sendo terrena, animal e demoníaca. Ou seja, de uma maneira bem própria os seres humanos são animais, não apenas por compartilhar com os demais os atributos da criação inferior, mas ainda por comportar-se de modo semelhante, dada sua condição de raça decaída. Além disso, e seguindo o entendimento simples da citação do Apóstolo Tiago, o ser humano pode agir baseado unicamente nos seus impulsos residentes no *Aspecto Modal* sensitivo, com reações do tipo medo, raiva, ameaça etc.

Portanto, quando declaramos a chave interpretativa *criação superior* estamos nos referindo ao fato de que, a partir do *Aspecto Modal sensitivo*, somente os seres humanos se encaixam. Essa superioridade é decorrente da *imagem de Deus* em nós, ou seja, deve-se à existência em nós do *Coração*, o qual é o nosso elo com a eternidade, pois o *Coração* não é daqui. O *Coração* tem origem em Deus.

Aspecto Modal Lógico ou analítico. Esse é o primeiro aspecto da criação superior e a sua posição no horizonte da nossa experiência tem significação fundante. É aqui que reside a nossa capacidade analítica e a noção de coerência. É importante lembrar que os *Aspectos Modais* estão ligados por uma *Ordem Criacional*, uma estrutura normativa, ou lei criacional, a qual está imune a alterações, ou seja, jamais um *Aspecto Modal* retrocederá para o lugar de outro. Isso é o mesmo que dizer que jamais o *Aspecto Modal* físico antecederá o *Aspecto Modal* numérico, ou o *Aspecto Modal* lógico antecederá o *Aspecto Modal* sensitivo e assim por diante. Isso significa dizer que a criação inferior, embora

participe conosco da mesma realidade, ela está abissalmente distante dos seres humanos.

É no *Aspecto Modal lógico* que surge pela primeira vez no nosso horizonte de experiência o contraste normativo entre *o que deve ser e o que não deve*. Pelas leis internas do *Aspecto Modal* lógico se obtém pela primeira vez a noção de contrariedade, ou de antítese, por exemplo: *lógico e ilógico*. Antes deste *Aspecto Modal* não é possível ideias como a-numérico, a-espacial, a-cinemático etc. Mesmo a ideia de inércia do *Aspecto Modal cinemático* não se encontra nessa ideia de negação lógica, pois a inércia nada mais é que um lado do movimento. Mais acima desses *Aspectos Modais* se poderia pensar em apatia no *Aspecto Modal sensitivo*, que pode ser tido como insensibilidade, porém essa insensibilidade não representa uma contrariedade verdadeira, ela apenas retira o objeto do campo desse *Aspecto Modal*, ou seja, a ausência de sensibilidade em algo (*Estrutura De Individualidade*) apenas demonstra que esse algo não está guiado pelo *Aspecto Modal* sensitivo. Mais acima se pode ter a ideia de abiose que é relativa à existência de algo por meios não bióticos, porém ocorre a mesma situação.

Confirmação e contrariedade são noções que não existem a partir de fora, mas residem dentro do *Aspecto Modal* lógico, são parte da sua estrutura de lei. A partir dessa contrariedade lógica outras contrariedades são reveladas, todas em analogia com ela, tais como ética/antiética, lícita/ilícita, belo/feio etc. Esse fator inerente ao *Aspecto Modal* lógico revela duas coisas importantes: 1. O fato de que a partir deste *Aspecto Modal* a *norma criacional interna* aos *Aspectos Modais* pode ser quebrada. 2. O fato de que a partir do *Aspecto Modal* lógico o *caráter normativo* das ordenanças divinas é revelado.

A esses dois fatores estão referidos o primeiro e o segundo elo do *Motivo Básico* cristão — a *Criação* e a *Queda* em rebelião. A *Criação radical* irá atestar que o Criador criou toda a realidade estruturada em uma norma criacional, a qual é responsável pelo funcionamento de tudo o que existe. Expressões como "funcionamento normal" ou "crescimento normal" remetem a essa norma primordial escrita no *Coração*. Ao passo que a *Queda radical* irá atestar que a partir do *Coração* humano, que é o ponto unificador da realidade, toda normatividade, ainda que pela estrutura criacional não possa ser revertida

completamente, pode ser afetada pelo pecado. Expressões como “funcionamento anormal” e “crescimento anormal” dão conta dessa realidade.

É importante ressaltar que só os seres humanos existem a partir do *Aspecto Modal* lógico. Logo, *as normas existem por causa e para os seres humanos*. E onde se fundamenta essa questão? Na pessoalidade humana. Enquanto criaturas, os seres humanos são inteiramente dependentes do Criador, e quanto a isto em nada se diferem das algas e dos chimpanzés. Mas como seres pessoais, os seres humanos são capazes de agir em conformidade e em contrariedade à norma. E ainda, como seres pessoais decaídos da perfeição primordial, tendem a agir em contrariedade à norma. Também é como pessoa que os seres humanos são responsáveis pelo próprio comportamento e por suas ações, razão pela qual são devedores de prestação de contas, tanto para os seus semelhantes quanto para si mesmos e, principalmente, para o seu Criador.

Aspecto Modal histórico-cultural. Logo a seguir ao *Aspecto Modal* lógico existe o *Aspecto Modal histórico-cultural*. Aqui é o lugar do poder e controle formativo dos artefatos humanos. É somente a partir daqui que a humanidade começa o processo de exteriorizar a sua diferenciação em relação aos animais e plantas quanto ao seu envolvimento no ambiente da Criação, a partir do uso de seu potencial criativo. Fundado no *Aspecto Modal* lógico, o *Aspecto Modal* histórico se desenvolve a partir de analogias lógicas, o mesmo ocorrendo com os demais *Aspectos Modais* ainda por vir, mas as analogias do *Aspecto Modal* histórico alcançam maior visibilidade em nossos dias, em decorrência da absolutização que a ciência moderna fez deste *Aspecto Modal*. O Historicismo, ciência que alcançou preponderância na modernidade e chegou aos nossos dias, vem declarando toda a realidade como sendo mera *produção cultural/histórica*, o que não é outra coisa senão uma idolatria decorrente do seu *Motivo Básico* humanista, como veremos mais adiante.

O núcleo do *Aspecto Modal* histórico, ou seja, aquilo que garante a sua irredutibilidade no espectro de *Aspectos Modais*, *é o modo de ser cultural*. E o que viria a ser isso? É a atividade cultural, exercida com o poder criativo decorrente do Mandato Criacional, cuja expressão é *o livre controle sobre o material e o poder de lhe dar forma*. Para entender isso imagine uma abelha em seu labor diário. Ela produz um favo de mel que tem forma, objetividade e

propósito, no entanto, não se constitui um artefato cultural, posto que a abelha não é livre para construir um favo que se diferencie da forma imposta pela *Ordem Criacional* à qual a abelha está restrita. Já um apiário é um produto cultural porque resulta da ação livre de uma pessoa, o qual trouxe à existência um artefato guiado pelo seu poder criativo e fundado na sua função lógica, de acordo com o poder que ela tem de dar forma àqueles materiais à sua disposição. Um apiário jamais será exatamente igual a outro justamente pela impressão da pessoalidade que o indivíduo que os construiu deixou sobre eles.

Devido à *divinização* que o *Aspecto Modal* histórico tem recebido da ciência moderna, é necessário anotar ainda mais alguns detalhes acerca deste *Aspecto Modal* nesta introdução, os quais irão destacar bem a distância entre a sociologia clássica humanista e a sociologia cristã. Em primeiro lugar, o *Aspecto Modal* histórico é somente mais um dos quinze *Aspectos Modais* existentes. Ele é apenas o aspecto por onde *o modo cultural de ser* se revela. Ele não pode ser confundido com a realidade total, isto porque o *modo cultural de ser* é apenas uma parte da realidade de uma *Estrutura De Individualidade* — uma cadeira, por exemplo — a qual irá funcionar ao lado de outros *Aspectos Modais* como o *econômico, o estético, o numérico* etc.

Em segundo lugar, a realidade está estruturada numa coerência inquebrantável de aspectos, de modo que a declaração do Historicismo de que tudo é histórico e, portanto, *datado e temporário*, trata-se de uma absolutização do *Aspecto Modal* histórico sobre os demais *Aspectos Modais* que acarretará, fatalmente, um afastamento da verdade. Senão, vejamos. Acontecimentos concretos como guerras, fomes, revoltas, descobertas científicas etc. pertencem todos à realidade e, como *Estruturas De Individualidades*, funcionam em todos os *Aspectos Modais*, sem exceção. Tal coisa é o mesmo que dizer que um elemento grave como uma guerra, que é capaz de impactar a vida de gerações muito distantes da sua ocorrência temporal e, portanto, um *fato histórico típico*, ainda assim, trata-se de um elemento que *existe em todos os Aspectos Modais do horizonte da nossa experiência* e não apenas no *Aspecto Modal* histórico, já que a guerra também possui um lado econômico, o ético, por exemplo.

Essa afirmação coloca a filosofia Cosmonômica e a sociologia cristã em rota de colisão com o Historicismo, pois estas afirmam que *o aspecto modal histórico não é idêntico aos acontecimentos*, mas apenas parte deles. E mais,

demonstra a possibilidade de existirem fatos que não sejam históricos no sentido pretendido pelo Historicismo. Lembrando sempre que para o Historicismo a realidade é reduzida ao *Aspecto Modal histórico*, o que significa que tudo o que há é determinado pelo Aspecto Modal histórico. Isso é o mesmo que dizer que nada existe com sentido que não seja histórico, o que esclarece o termo *ismo* que ele carrega.

Para a filosofia Cosmonômica e para a sociologia cristã essa postura é uma divinização do *Aspecto Modal* histórico, que vem a ser uma *absolutização reducionista* porque apenas o que é absoluto pode determinar os demais aspectos da realidade, logo o Historicismo faz o *Aspecto Modal* histórico assumir o lugar de Deus. Porém, ao fazer isso, falta-lhe recursos para explicar os fenômenos atemporais como a norma, a moralidade, a pessoalidade etc. E mais, atribui o status de *histórico* a fatos meramente afetados pelos verdadeiros fatos históricos, ou seja, aqueles fatos que trazem consigo o poder formativo da história, ou dito de outra maneira: aqueles fatos decorrentes das ações humanas guiadas pelo *Poder Histórico*.

Para a filosofia Cosmonômica, e para a sociologia cristã, os fatos passados têm todos eles um lado histórico, sim, mas nem todos os acontecimentos passados são históricos no sentido formativo da cultura, logo nem tudo é datado e temporário no sentido pretendido pelo Historicismo. Note um evento passado declarado da seguinte forma: *meu pai fumou um charuto ontem*. Esse evento é completamente desprovido do poder formativo da cultura. O que significa ser desprovido de poder formativo? Significa que não importa quantos charutos o meu pai tenha fumado, nem quantas vezes ele tenha repetido o ato, o fato em si não é capaz de impactar a cultura por uma razão muito simples: esse fato já é resultado de um fato verdadeiramente histórico que lhe deu causa e sentido. No entanto, como *Estrutura De Individualidade*, o ato de fumar um charuto possui um lado histórico, como veremos adiante.

Toda *Estrutura De Individualidade* é percebida também pelo seu lado histórico. O que é uma *Estrutura De Individualidade*? É tudo que pode ser percebido individualmente. No caso em tela é o ato de fumar do personagem *meu pai*. Esse ato de fumar pode ser percebido pelo seu lado histórico porque ele *é datado (ontem), está inserido no tempo, tem realidade etc*. Porém, a realidade do ato não se esgota nisso. Assim como o ato é percebido pelo seu *lado histórico*,

ele também possui um lado econômico, pois o charuto possui um valor em dinheiro atribuído a ele. Também possui um lado sensitivo, pois o ato de fumar provavelmente causa prazer no personagem. Também possui um lado numérico (um charuto). Possui também um lado estético pelo simbolismo de se fumar um charuto, e assim esse ato de fumar um charuto vai sendo experienciado como *Estrutura De Individualidade* em todos os quinze *Aspectos Modais*.

Logo, embora seja percebido também pelo seu *lado histórico* como *Estrutura De Individualidade*, porque nele há uma ação humana, uma temporalidade, um propósito etc., o ato do meu pai não é histórico no sentido aceito pela filosofia Cosmonômica e pela sociologia cristã. O fato histórico verdadeiro, e que pela sua *qualidade* de fato histórico dá sentido ao ato do meu pai de fumar um charuto, é a descoberta dessa planta pelos habitantes da América pré-colombiana e a introdução do tabaco na Europa do séc. 16, de onde a prática de fumar se difundiu para o mundo.

Noutras palavras, acontecimentos históricos *são aqueles que atuam formativamente na história do mundo*, ou seja, são acontecimentos que são sentidos na cultura humana. Isso é o mesmo que dizer que, a partir de um fato verdadeiramente histórico, outros fatos dados na realidade existirão em ligação com ele e até dependentes dele. Voltando ao nosso exemplo. O fato de meu pai ter fumado um charuto ontem é um fato dependente diretamente do fato histórico anterior da introdução do tabaco no mundo. Isto é, o ato do meu pai só foi possível pelo *Poder Histórico* formativo cultural daqueles que introduziram o tabaco nos lugares onde ele não existia, possibilitando ao meu pai sentir esse efeito.

Mais adiante voltaremos a discutir a questão da idolatria do Historicismo. Por ora nos basta entender que todo fato que há no mundo, ou toda *Estrutura de Individualidade* que venha ao mundo possui sim um lado histórico, pois do contrário não poderia ser experienciado pelos seres humanos, no entanto, esse mesmo fato ou *Estrutura De Individualidade* sempre será experienciado na totalidade do *Coração*.

Aspecto Modal Linguístico. Logo a seguir ao *Aspecto Modal* histórico existe o *Aspecto Modal linguístico*. Aqui é o lugar da significação simbólica, ou o lugar do signo. Este aspecto está fundado no *Aspecto Modal* histórico, porque sem ele

não é possível a diferenciação, assim como está em analogia ao *Aspecto Modal* lógico, porque não pode existir apartado da norma. Por mais inovadora que seja a linguagem, e por mais diferenciados que sejam os símbolos e os meios utilizados, este *Aspecto Modal* obedece a uma *Ordem Criacional* que obriga as pessoas a considerar a realidade normativa da linguagem, como o *emissor* e o *receptor*, a *mensagem*, o *meio*, o *propósito* etc. Em sua relação mútua com os demais aspectos, o *Aspecto Modal* linguístico é responsável por traduzir e comunicar a experiência. Assim é que o ser humano é capaz de falar da dor, da alegria, fazer orações e assim por diante.

Aspecto Modal Social. Aqui é o lugar das relações. É o *Aspecto Modal* mais ligado à *pessoalidade*. Apenas pessoas se relacionam no sentido próprio. O Criador Tri pessoal se relaciona consigo mesmo na diversidade que há entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, assim como os seres humanos se relacionam com os seus semelhantes, com o Criador e consigo mesmos.

O *Aspecto Modal social* não pode ser confundido com a sociedade em si, pois a sociedade é uma *Estrutura De Individualidade* que acha a sua composição de lei no *Aspecto Modal Social*, mas não esgota a totalidade dele. O *Aspecto Modal social* é por onde a pessoa humana experiencia as relações no âmbito da sociedade e tem a ver com as normas de convivência e as interações. A sociedade, por outro lado, é um artefato humano, a qual resulta do processo de abertura cultural guiado pelo *Aspecto Modal* histórico. E ainda, as relações do *Aspecto Modal social* são relações próprias. Todas as relações afastadas da pessoalidade são antecipações ou analogias do *Aspecto Modal social*, ou seja, quando expressamos ideias como *relações econômicas*, estamos realizando uma antecipação do *Aspecto Modal social* para dar entendimento a um fenômeno que tem sua estrutura de lei no *Aspecto Modal econômico* que existe mais acima.

O mesmo ocorre quando falamos em relações entre elementos químicos, relações entre números. Essas são analogias do *Aspecto Modal social* quando olhadas a partir do *Aspecto Modal social* e são antecipações da estrutura criacional do *Aspecto Modal social* para o *Aspecto Modal físico* ou *numérico*, quando olhadas a partir destes *Aspectos Modais* inferiores.

Aspecto Modal Econômico. Aqui reside a ideia de alocação frugal. É onde reside a percepção do valor (custo) da existência material. A realidade se mostra hostil aos seres humanos, desde que a Terra foi amaldiçoada pelo pecado de seu representante federal. Desde então ela não se submete à humanidade sem trabalho duro que evoca suor e sofrimento, negando-lhe os seus frutos e acrescentando a essa negação a geração de cardos e abrolhos, que são símbolos do adoecimento que todo trabalho causa. Isso faz com que os recursos sejam sempre escassos, exigindo prudência e frugalidade. Na ordem da Criação, o *Aspecto Modal econômico* também recebeu suas leis internas, as quais estão estruturadas da mesma maneira na coerência experiencial do nosso horizonte temporal. Quando o *Aspecto Modal* lógico/analítico é disposto contra o *Aspecto Modal* econômico para desmembrá-lo da realidade total da nossa experiência surge a *Ciência Econômica,* e com ela o desvelamento de suas leis estruturais.

Aspecto Modal Estético. Aqui reside a noção de harmonia e proporção. Este *Aspecto Modal* é a casa da beleza. O que é a beleza? É a alocação máxima possível da harmonia dentro dos contornos de uma *Estrutura De Individualidade*. Um barco belo é um barco cujos contornos de cada um de seus itens se apresentam na justa proporção. O leitor atento já percebeu que no próprio enunciado do *Aspecto Modal* estético foram utilizadas analogias e antecipações. Falou-se em *alocação e justiça*. Isso por si só demonstra a inquebrantável coerência do nosso horizonte de experiência. No entanto, o *Aspecto Modal estético* não está aqui só de passagem e não vive somente de analogias e antecipações. Ele possui a sua natureza própria, sua *Normatividade Criacional*, a qual está diretamente ligada ao Criador que é o belo absoluto, e que conecta essa beleza essencial nas criaturas nas quais Ele se revela. Portanto, o *Aspecto Modal* estético é por onde o *Coração* experiencia a beleza do Criador e da Criação.

Aspecto Modal Jurídico. Aqui reside a noção de retribuição e juízo. Este *Aspecto Modal* nos remete diretamente à fonte de toda norma. É por meio deste *Aspecto Modal* que flui a ordenação criacional e o *Coração* pode experienciar as estruturas de lei de cada *Estrutura De Individualidade*. Embora a norma tenha se revelado por antecipação desde o *Aspecto Modal lógico*, é no *Aspecto Modal jurídico* que ela encontra o seu núcleo. A *Estrutura De Individualidade* chamada

Estado, por exemplo, têm no *Aspecto Modal* jurídico a sua função típica. Isso é o mesmo que dizer que o Estado encontra o seu significado na experiência por meio do *Aspecto Modal* jurídico.

Aspecto Modal Ético. Aqui é onde se encontra a ideia do amor/caridade sacrificial. Em analogia direta com o *Aspecto Modal* lógico, o *Aspecto Modal* ético de uma pessoa é ordenado em atitudes éticas e antiéticas. Também é percebido no amor. Uma relação ética pode ser percebida, por exemplo, pelo amor à cultura, que é uma ligação entre o *Aspecto Modal* histórico e o *Aspecto Modal* ético. Estruturas como a Família têm no *Aspecto Modal* ético a sua função final típica revelada no amor entre pais e filhos.

Aspecto Modal Pístico. Finalmente, o *Coração* está estruturado no seu limite entre o tempo e a eternidade pelo *Aspecto Modal pístico ou religioso*. Aqui é o lugar da confiança, da crença, da certeza última do ser. É o *Aspecto Modal* controlador de todos os demais e está presente analogicamente em todos eles, razão pela qual declaramos todo ser humano como um *ser religioso*.

Raciocinando o encadeamento dos *Aspectos Modais* como uma espiral, tem-se que o seu início está localizado no *Aspecto Modal numérico*, o qual é a porta de entrada no tempo, e o *Aspecto Modal religioso* é a janela por onde o *Coração* deixa o tempo e retorna para a eternidade. Esse "movimento" que o *Coração* faz no tempo é que se traduz na experiência da realidade, é o contato do humano com o transcendente, tratada na filosofia Cosmonômica como a *relação* do *Coração* com a sua origem.

Porém, quando se raciocina a partir do Eu para com a Criação, o *Aspecto Modal religioso* é o ***guia*** que vai dando significado e ordenando o sentido de todos os *Aspectos Modais* abaixo dele, para encontrar cada *Estrutura De Individualidade* na sua totalidade. Ou seja, o *Coração* enfaixa cada *Estrutura De Individualidade* externa a si guiado pelo *Aspecto Modal da fé*. Mesmo o processo de abertura cultural que parece uma realidade distante do indivíduo tem por trás um *Motivo Básico* religioso que é guiado pela fé daqueles que foram chamados a serem formadores da história.

O *Aspecto Modal* pístico/religioso, ou *Aspecto Modal* da fé, não deve ser confundido com o *Coração* em si. Ele é só mais um dos *Aspectos Modais* do

Coração. Isto é o mesmo que dizer que o *Aspecto Modal* pístico emana do *Coração* ao lado dos demais aspectos. O *Coração* — como unidade religiosa básica — se utiliza desse *Aspecto Modal* para exteriorizar-se.

O termo fé usado neste livro carece de esclarecimentos, e é o que faremos agora. O que é a fé? A fé é uma *função do Coração*. Essa função está relacionada com a necessidade inata do *Coração* de exteriorizar-se. Assim é que a fé é um impulso do *Coração* ***em busca de***. Neste sentido a fé tem o seu lado objetivo e o seu lado subjetivo. Pelo seu lado subjetivo, *a fé é o impulso da consciência em direção à sua origem*. Em razão da condição humana de seres decaídos em rebelião para com o Criador, nas condições atuais a *função da fé subjetiva* se direciona ou para Cristo como Criador, ou para uma *Estrutura De Individualidade* criada que assume o lugar do Criador. Porém, deve-se observar que muitas coisas concretas podem ser caracterizadas por fé, mas não se encontram na mesma relação descrita acima. Essas *Estruturas De Individualidades* são apreendidas e experienciadas pela *função objetiva* de fé, exemplos: um templo, um pedaço de pão para a Ceia do Senhor etc. Essas são estruturas da realidade que estão numa relação intrínseca com a fé subjetiva, mas não se configuram de igual modo com esta.

Importante anotar que *todas as coisas temporais são objetos da função subjetiva da fé de uma pessoa*. Ou seja, a maneira como uma pessoa define a realidade decorre de fé. Para os gregos antigos as coisas temporais resultavam de um fluxo eterno de vida, o que nada mais era do que a expressão lógica de sua fé (religião). Os humanistas/evolucionistas modernos definem as coisas como mutações melhorativas e variações quase infinitas de uma fonte original não definida, o que nada mais é do que a expressão de sua fé na origem da vida a partir de uma origem impessoal. Para os cristãos as coisas temporais, visíveis e invisíveis são *Criação*, submetidas à *Queda* em pecado e aguardando a redenção em Cristo, o que nada mais é do que a sua fé na *Revelação*. Invariavelmente, aquilo que é experienciado é motivado pela fé.

Para não haver a confusão entre o *Aspecto Modal* da fé e a fé em si mesma, então, é preciso fazer as seguintes distinções:

1. Existe a fé como *Aspecto Modal*, cuja anotação é preferível pelo termo *pístico*, que evita a confusão com o uso do termo em outras ocasiões. Este *Aspecto Modal pístico* é a janela por onde o *Coração* adentra a eternidade e dela retorna

para o mundo temporal. Nesse caso o *Aspecto Modal* pístico existe, ou funciona em todos os demais *Aspectos Modais*, tomando parte na coerência da realidade percebida.

2. Existe a fé como função objetiva de que todas as coisas possuem em relação com esse *Aspecto Modal pístico*. Como já foi dito, tudo que é experienciado é motivado por fé, seja uma casa, um carro, um avião ou uma flor. Neste sentido, *a fé é o reflexo do Motivo Básico da pessoa que define as Estruturas De Individualidade*, conforme já mencionado, ou seja, para um naturalista um primata é um organismo em evolução e para um cristão o mesmo primata é um animal inteiramente definido e criado segundo a sua espécie.

3. Existe a fé como conteúdo da nossa função subjetiva. Aquilo que se crê tem um conteúdo que ocupa "lugar" no *Aspecto Modal pístico* como uma confissão, uma palavra profética. Neste sentido a fé é a expressão do *Coração* e que se "materializa" nas palavras, a exemplo da declaração "Eu cri, por isso falei" (2 Co 4.13 NAA).

4. Finalmente existe a Fé como função subjetiva da crença que os seres humanos possuem, grafada sempre em letra maiúscula. Como o nome diz, ela é uma *função*. Neste livro a *função subjetiva da Fé* é a própria crença.

A Fé como função subjetiva está sujeita à *Revelação* do Criador como norma. Ela emana da raiz religiosa da nossa vida temporal — o *Coração*. Em razão da *Queda,* em rebelião essa função subjetiva foi tomada de apostasia. Apenas o Espírito Santo regenera essa função subjetiva e reverte radicalmente o seu direcionamento, desarraigando-a da apostasia para o Criador. Devido a habitar no limite da realidade temporal, a Fé se constitui numa janela para a eternidade, daí a sua necessidade de *Revelação*, porque o *Coração* possui um impulso inato para fora, para a sua origem, mas não possui em si mesmo o fundamento da Fé, embora essa tenha sido a grande tentação a que nossos primeiros pais foram expostos. É na função da Fé que está a certeza última, a base segura da existência de uma pessoa humana. Nem mesmo a apostasia é capaz de mudar essa estrutura criacional, de modo que a Fé jamais perderá a sua orientação para a eternidade.

Tecnicamente, a ligação inquebrantável entre a *Revelação* e a função de Fé, juntamente com o *Aspecto Modal* onde ela opera, é o que confere à Fé a posição de limite entre o tempo e a eternidade. Noutras palavras, a *Revelação* +

função de Fé + Aspecto Modal pístico = limite entre a experiência temporal e a eternidade. Por isso a função da Fé está englobada na ordem temporal do mundo, ao lado da função orgânica, física, lógica etc. e ao mesmo tempo adentra a eternidade de onde procedeu pelo ato supremo do Criador.

Pelo fato de ser o *Aspecto Modal pístico* o limite do ser, a Fé se expressa nos demais modos igualmente, embora sempre por analogias, constituindo o *Aspecto Modal* como o *guia* de todos os demais. Lembrando, sempre, que o *Coração* não está em nenhum dos aspectos. Ele experiencia a *realidade temporal* por meio dos diferentes *Aspectos Modais*, e *a eternidade* pelo *Aspecto Modal* pístico. A partir do relacionamento do *Coração* com a eternidade — o fundamento absoluto e origem de toda a vida temporal — ele retorna, ou melhor, ele aponta de volta para os momentos nucleares de todos os *Aspectos Modais* e permite que o ser humano se oriente no mundo.

Essa proposição ficará mais clara com exemplos. Vejamos a relação Fé e moral — não há, certamente, fé sem adoração/veneração, e estas coisas se materializam no amor, ou seja, a Fé se expressa numa analogia moral que se dá no núcleo do *Aspecto Modal* ético. Fé e *Aspecto Modal* jurídico — o Criador tem direito à adoração e a humanidade tem o dever de adorá-Lo; essa relação jurídica de *direito/dever* não é idêntica ao direito estabelecido nos códigos de leis do tipo propriedade/posse; antes, é uma analogia moral que aponta para além do tempo, para a relação religiosa que caracteriza o vínculo entre o Criador e a criatura, revelada numa analogia entre o *Aspecto Modal* pístico e o *Aspecto Modal* jurídico.

Noutras palavras, o *Aspecto Modal Pístico* não apenas é o mais elevado, o mais complexo, e o mais atuante em toda e qualquer experiência humana do lado de cá da eternidade, ele é também o que mais evidencia a nossa origem em Deus, o que mais evidencia a nossa pessoalidade, e é o responsável por enfaixar toda a complexidade dos relativos temporais e atá-los ao Absoluto, razão pela qual a filosofia Cosmonômica o chama de *Guia* e, ainda, é a razão que fundamenta a proposição reformada de que o ser humano é *homo religiosus*.

Notas sobre a Revelação

Antes de fecharmos este capítulo, é necessário anotar algumas informações a respeito da *Revelação*. Antes de tudo, a *Revelação* é um ato livre

de amor do Criador. Pelas razões pessoais dele — as quais não são declaradas no Livro da Lei — o Criador resolveu criar todas as coisas, e em Seu ato criador Ele resolveu impregnar nas coisas criadas as Suas "digitais", ou como temos declarado neste livro, ele impregnou nelas a Sua *pessoalidade*. Desse modo a *Revelação* liga o temporal com o eterno, pois por intermédio das coisas criadas o Criador é revelado na dimensão do tempo em que a humanidade existe. Todo o Seu ato criador se fez pelo poder de Sua palavra, e no devido tempo essa palavra tomou para si a natureza humana, fazendo-se Deus/homem em Jesus, o qual se constituiu na *Revelação* plena do Criador. Essa *Revelação*, portanto, foi suficientemente encerrada no Livro da Criação e cabalmente no Livro da Lei.

Quando me refiro ao fato de que a criação inferior contém *Revelação* suficiente, razão pela qual a chamo de Livro da Criação, se deve a que ela encerra todas as evidências necessárias para indicar a existência do Criador. Essas evidências podem ser lidas claramente nas próprias *Estruturas De Individualidade* que ela contém. A regularidade da matéria, a estrutura trina de seus elementos, os ajustes finos de seu funcionamento etc. são evidências deveras marcantes para indicar que há um Criador. Além disso, o Livro da Lei assim declara que, por essa razão, a injustiça dos seres humanos fica ainda mais evidente, porque, tendo conhecimento do Criador, não O glorificaram como Deus e nem Lhe deram graças.

Quando me refiro ao fato de que a *Revelação* é dada de modo cabal no Livro da Lei, se deve a que este livro toma como axioma que a Bíblia é a *Revelação* final de Deus. Tudo o que Deus desejou revelar acerca de Si mesmo e de Seus propósitos, bem como preservar para as gerações futuras, até o seu cumprimento final está no Livro da Lei. Ela tem duas naturezas. A primeira natureza é humana e está ligada ao fato de que ela não foi *ditada* do céu por anjos, mas homens falaram da parte de Deus, inspirados pelo Espírito Santo, que os conduziu e controlou suas limitações para evitar que a sua condição de raça caída pudesse macular o conteúdo da *Revelação*. A segunda é divina. A Bíblia é divina no sentido de que foi dada, conduzida e regulada pelo Espírito de Deus, para que aquilo que os escritores da Bíblia registrassem viesse a ser exatamente aquilo que o Criador desejou revelar acerca de Si mesmo e de Seus propósitos.

A Filosofia Cosmonômica utiliza o termo *Palavra-revelação* intercambiável entre o Livro da Lei e a pessoa do Redentor Jesus Cristo. Ele é a

encarnação da *Revelação* como escritura. Em Jesus de Nazaré se cumpre cada letra da escritura dada no Antigo e no Novo Testamentos. Ao mesmo tempo, Jesus de Nazaré é a plena e perfeita *Revelação* do Deus Triúno, de modo a se constituir a própria *Palavra-revelação*.

Obviamente, as declarações aqui feitas acerca da *Revelação* atacam frontalmente a pretensa autonomia da humanidade e lançam o fogo da antítese absoluta sobre a Terra. O *Motivo Básico* trino cristão é irreconciliável com qualquer outro *Motivo Básico* dualista humanista. Qualquer tentativa de síntese resultará no afastamento da verdade e se perderá em antinomias, decorrendo daí o juízo histórico em forma de desarraigamento espiritual. Esse juízo se dá porque a condição de *criatura* da humanidade não é mudada apenas porque o orgulho humano resolve declarar-se autônomo. Ao seguir o seu caminho apóstata, determinada cultura deverá colher os frutos da quebra da *Ordem Criacional*, invariavelmente, ainda que por algum tempo ela progrida e permaneça, fato que não resulta de outra coisa senão da Graça Comum.

A *Revelação* vai além da externalidade das coisas criadas, visto que o Criador se revelou inicialmente e primariamente no *Coração* humano. Lembrando: o *Coração* é a raiz religiosa da pessoa humana. Mas, além disso, ele se revelou na própria ordem temporal e na coerência dessa Criação, de modo a deixar os homens apóstatas indesculpáveis e a punir toda antinomia. Ou seja, a *Revelação* é a prova de que o conhecimento de Deus foi dado em porção suficiente, mesmo após o ato humano contrário à norma — o primeiro pecado que resultou na *Queda*. Mesmo após a *Queda*, o Criador falou o suficiente para que os seres humanos construíssem uma sociedade justa.

Porém, quando se observa em longa escala o desenvolvimento da cultura, se percebe que o desenvolvimento cultural que se deu após a *Queda* foi uma caminhada cada vez mais para distante do Criador, a ponto de Ele ter sido esquecido em alguns séculos. A *Revelação* feita a Abraão surge na historiografia como o feito fundante do monoteísmo, e na teologia alcança o status de *Revelação Especial*, quando na verdade é somente uma retomada da *Revelação*, um retorno ao princípio, um retorno ao tempo das proposições verbais do Criador. O fato de a abordagem do Criador a Abraão parecer uma nova *Revelação* só demonstra o arraigado ânimo dos seres humanos para a apostasia.

A *Revelação* foi sustentada e explicada desde o princípio pela *Palavra-revelação*, o que quer dizer que a Criação não tem existência própria, mas depende da humanidade para encontrar sentido epistemológico e do Criador para *obter permanência*. Essa declaração contraria totalmente os *Motivos Básicos* pagãos e até mesmo o *Motivo Básico natureza e graça Pseudo*cristão do Escolasticismo. Do lado grego/humanista existe o entendimento de que a matéria é eterna. Do lado do Escolasticismo existe a ideia de que a natureza existe sem o vínculo com a humanidade. Ambos os *Motivos Básicos* não são capazes de explicar todo o caos que existe na alma humana, e não somente ali, mas também na criação inferior onde o caos é ainda maior e se revela com violência mais intensa.

Além disso, desde o princípio a *Revelação* se dirigiu à humanidade toda e continua se dirigindo a ela, mesmo depois da *Queda* em pecado, como já afirmado. O livro da Lei declara que faz parte do governo universal do Criador deixar os povos seguirem o seu caminho, e isso inclui deixá-los em apostasia. No entanto, seguindo o Seu propósito eterno, aprouve ao Criador Se revelar novamente a um dos filhos de Adão. No devido tempo, o Criador falou a Abraão, retomando a linha de *Revelação* da qual a nação de Israel foi escolhida como guardiã. Porém, a *Palavra-revelação* é a mesma e a humanidade inteira é chamada a responder com fé, posto que não é algo que ela possa desfazer-se sem prejuízo próprio. Noutras palavras, é apenas quando a *Palavra-revelação* é ouvida que o verdadeiro significado da realidade temporal é obtido.

A *Queda* em rebelião não pode estar de fora de qualquer análise histórica ou sociológica, pois ela é abrangente. Após deixar de dar ouvidos à *Palavra-revelação*, a humanidade caiu em rebelião. Esse fato por si só já demonstra que enquanto a humanidade dava ouvidos à *Palavra-revelação* não havia desarraigamento espiritual. O *Coração* humano encontrava segurança e paz, e não estava submetido a antinomias e contradições. Havia verdadeiro entendimento de completude.

Então se verifica a partir desse estado de bem-estar que havia anteriormente à *Queda* que a rebelião *bloqueou a função da Fé à voz do Criador*. A partir de então as duas etapas da *Revelação* — na Criação e no *Coração* — perderam o seu caráter de segurança e certeza, assumindo um caráter de *mera opinião*, contrastando com tantas outras opiniões que foram surgindo à medida

que a humanidade caminhava para a sua desejada autonomia. No entanto, a posição e a natureza do *Aspecto Modal pístico* foram mantidas, porque elas independem da vontade humana. Como já foi mostrado, essa posição é irredutível e essa natureza aspectual é intrínseca, e ambas estão sujeitas à *Ordem Criacional*. Então nenhuma rebelião, nem absolutização alguma será capaz de reverter a *Ordem Criacional*.

Daí resulta que o *Aspecto Modal pístico* continua na posição de limite entre o tempo e a eternidade e orientado para *a base sólida da verdade e da vida*. Noutras palavras, o ser humano continua procurando o "descanso epistemológico" e a existência eterna. Então o que mudou? Mudou a direção e o local onde a humanidade passou a buscar essa base, agora não mais no Eterno, mas sim dentro da própria Criação. Ou seja, a direção da humanidade tornou-se apóstata e a Fé natural transformou-se em incredulidade. Isso explica a radicalidade da *Queda*, pois uma vez que ela se deu no *Coração*, ela continua afetando a reflexão teórica atual, do mesmo modo que afetou os antigos. E aqui se constata outra divergência radical com a filosofia tomista, para quem a *Queda* afetou apenas parcialmente a razão natural.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13 ed. Brasília: Forense Universitária, 2016.

ARENDT, Hannah. **As origens do Totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2013.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **Confissão de Fé**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **O catecismo maior**. São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

AZAMBUJA, Carlos Ilich Santos. **A hidra vermelha**. 2 ed. Cidade não citada: Observatório Latino-americano, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2022.

BAVINCK, Herman. **A certeza da fé**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2018.

BAVINCK, Herman. **A filosofia da revelação**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2016.

BEAR, M. F., CONNORS, B. W., & PARADISO, M. A. **Neurociências: Desvendando o Sistema Nervoso**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Almeida Atualizada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Tradução Revista e Atualizada no Brasil. 3 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BORGES, Marcos de Souza. **O Avivamento do Odre Novo: um guia prático para a cura e libertação da família**. São Paulo: Editora Quatro Ventos, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3 ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** Brasília – DF: Editora Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Almedina, Editora Edições 70, 2021.

CLARK, Kelly James. **Return to reason: a critique of Enlightenment Evidencialism and a defense of reason and belief in God**. Grand Rapids: William B. Eardmans Publishing Company, 1998.

CLOUSER, Roy A. **O mito da neutralidade religiosa: um ensaio sobre a crença religiosa e seu papel oculto no pensamento teórico**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2020.

COURTOIS, Stéphane. WERTH, Nicolas. PANNÉ, Jean-Louis. PACZKOWSKI, Andrzej. BARTOSEK, Karel. MARGOLIN, Jean-Louis. **O Livro Negro do Comunismo**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 1999.

CRAIG, William Lane. **In Quest of the Historical Adam: A Biblical and Scientific Exploration**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2021.

DE PAOLA, Heitor. **O eixo do mal latino-americano e a nova ordem mundial: os golpes revolucionários no continente latino-americano e os tentáculos ditatoriais da nova ordem mundial**. 2 ed. Cidade não citada: Observatório Latino-americano, 2016.

DOOYEWEERD, Herman. **A teoria do homem na filosofia cosmonômica: trinta e duas proposições**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2020.

DOOYEWEERD, Herman. **Estado e soberania: ensaios sobre cristianismo e política**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

DOOYEWEERD, Herman. **Filosofia cristã e o sentido da história**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2020.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: Estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2018.

DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã**. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

DURKHEIM, Émile. **A ciência social e a ação**. Tradução de Inês Duarte Ferreira. Lisboa: Livraria Bertrand, 1970.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

FERNANDO, Adelson da Costa. **Globalização, religião e mercado de bens simbólicos: Manifestações Carismáticas na Cidade de Manaus**. 1 ed. São Paulo: Todas as Musas, 2014.

FERREIRA, Franklin. **Contra a Ideologia do Estado**. 1 ed. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

FERREIRA, Antenor. **O veneno da Áspide: relatos trágicos do Evangelicalismo**. Poços de Caldas, MG: Editora do Cristão, s.d.

FONTES, Filipe Costa. **Você educa de acordo com o que adora**.1 ed. São Paulo: Editora Fiel, 2018.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Almedina, Edições 70, 2022.
FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 7 ed. Brasília - DF: Forense Universitária, 2011.
FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
FRAME, John M. **A doutrina do conhecimento de Deus**. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
GILLESPIE, George. **Sobre o governo civil: igreja e estado – similitudes e diferenças & o governo civil e a lei moral**. Natal: Nadere Reformatie, 2021.
GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 13 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
GOMES, Davi Charles. **Analisando a crítica marxista: de Prometeu a Proteus**. Coleção Fundamentos Cristãos, vol. 6. 1 ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.
GUYTON, A.C., & HALL, J. E. *Tratado de Fisiologia Médica*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2021.
JOHNSON, Phillip E. **Como derrotar o evolucionismo com mentes abertas**. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
KUYPER, Abraham. **O Calvinismo**. 1 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022.
KUYPER, Abraham. **O problema da pobreza: a questão social e a religião cristã**. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
KUYPER, Abraham. **Sabedoria e prodígio: graça comum na ciência e na arte**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2016.
LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 23 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. 1 ed. Le Books: 2018.
LOURENÇO, Adauto J.B. **Como tudo começou: uma introdução ao criacionismo**. 1 ed. São Paulo: Editora Fiel, 2018.
LOURENÇO, Adauto J.B. **Gênesis 1 & 2: A mão de Deus na Criação**. 1 ed. São Paulo: Editora Fiel, 2018.
MANNHEIM, Karl. **Sociologia da cultura**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
MARQUES, Luiz. **A era da pós-verdade**. Sul21.com.br, 2022. Disponível em: </https://sul21.com.br/opiniao/2022/12/a-era-da-pos-verdade-por-luiz-marques/>. Acesso em 11.9.2023.
MARX, Carl. **Tese número 11. Teses sobre Feuerbach**. Publicado a primeira vez em 1888. Tradução de Álvaro Pina. Direitos de tradução em língua portuguesa reservados pela Editorial "Avante!" - Edições Progresso Lisboa – Moscovo, 1982. Disponível em: </https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.html>. Acesso em 11.9.2023.
MISES, Ludwig von. **A mentalidade anticapitalista**. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Liberal, 1987.
MISES, Ludwig von. **Governo Onipotente: A ascensão do Estado totalitário e a guerra total**. Campinas: Vide Editorial, 2019.
MISES, Ludwig von. **Marxismo desmascarado**. Campinas: VIDE Editorial, 2015.
MISES, Ludwig von. **O fundamento último da ciência econômica**. Campinas: VIDE Editorial, 2017.
MISES, Ludwig von. **Teoria e História: uma interpretação da evolução social e econômica**. 1 ed. São Paulo: Instituto Mises Brasil, 2014. Disponível em: </https://rothbardbrasil.com/wp-content/uploads/arquivos/teoriaehistoria.pdf>. Consultado em 11.9.2023.
NASH, Ronald H. **Cosmovisões em conflito: escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2012.
NAUGLE, David K. **Cosmovisão: a história de um conceito**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2017.
NAUGLE, David K. **Filosofia: um guia para estudantes**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2014.
PLANTINGA, Alvin. **Conhecimento e crença cristã**. 1 ed. Eletrônica. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2018.

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta: Libertando o Cristianismo de seu cativeiro cultural**. Tradução de Mônica Craveiro. São Paulo: Vida, 2006.
POYTHRESS, Vern S. **O senhorio de Cristo: servindo ao salvador o tempo todo, em tudo o que fazemos, de todo o nosso coração**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2019.
POYTHRESS, Vern S. **Redimindo a ciência: uma abordagem teocêntrica**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2019.
POYTHRESS, Vern S. **Redimindo a Filosofia: uma abordagem teocêntrica às grandes questões**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2019.
POYTHRESS, Vern S. **Redimindo a Sociologia: uma abordagem teocêntrica**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2022.
RACK, Henry D. **Reasonable Enthusiast: John Wesley and the Rise of Methodism**. London: Epworth Press, 2002.
RANA, Fezale; ROSS, Hugh. **Who was Adam? A Creation Model Approach to the Origin of Humanity**. 2ª ed. Covina, CA:RTB Press, 2015.
REES, Laurence. **Stálin, os nazistas e o ocidente: a Segunda Guerra Mundial entre quatro paredes**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
RICHARDSON, Don. **O totem da paz**. Curitiba: Editora Betânia, 2023.
ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social: princípios do direito político**. São Paulo: Lafonte, 2019.
SCHAEFFER, Francis. **A arte e a Bíblia**. Viçosa: Editora Ultimato, 2009.
SCHAEFFER, Francis. **Como viveremos? Uma cuidadosa análise das principais características de nossa época em busca de soluções para os problemas que enfrentamos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Vozes, 2013.
SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica**. 4 ed. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2006.
SIRE, James W. **Dando nome ao elefante: cosmovisão como um conceito**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2012.
SIRE, James W. **O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão**. 5 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2018.
SMALLEY. Gary. **Ela Precisa Saber**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.
TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.
VAN TIL, Cornelius. **Por que creio em Deus**. 1 ed. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2012.
VENEMA, Dennis R.; McKNIGHT, Scot. **Adam and the Genome: Reading to the Scripture after Genetic Science**. Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2017.
VICENTE, Christopher Rev. **O marxismo e a fé reformada: Uma análise em Herman Bavink**. 2 ed. Natal: Nadere Reformatie, 2022.
VOS, Geerhardus Johannes. **Teología Sistemática**. Disponível em: </https://archive.org/details/429141305-teologia-sistematica-geerhardus-vos-henry-pdf/page/n23/mode/2up>. Consulta em 11.9.2023.
WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2007.
WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 1 ed. São Paulo: Almedina, Edições 70, 2022.
WEBER, Max. **Ensayos sobre sociologia de la religion**. Buenos Aires: Editorial La Playade. Encontrado em: https://escriturayverdad.cl/wp-content/uploads/Filosofia/SOCIOLOGIADELARELIGIONMAXWEBER.pdf.